

Políticas Públicas na Educação Brasileira

Caminhos para a Inclusão

Atena Editora



Atena Editora

**POLÍTICAS PÚBLICAS NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA:
CAMINHOS PARA A INCLUSÃO**

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Edição de Arte e Capa: Geraldo Alves

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

Profª Drª Adriana Regina Redivo – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Pesquisador da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Javier Mosquera Suárez – Universidad Distrital de Bogotá-Colombia
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª. Drª. Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª. Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª. Drª. Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P769 Políticas públicas na educação brasileira: caminhos para a inclusão /
Organização Atena Editora. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora,
2018.
273 p. : 2.547 kbytes – (Políticas Públicas na Educação
Brasileira; v. 5)

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-93243-78-3
DOI 10.22533/at.ed.783182203

1. Educação e Estado – Brasil. 2. Educação – Aspectos sociais.
3. Educação inclusiva. I. Série.

CDD 379.81

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo do livro e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins
comerciais.

www.atenaeditora.com.br

E-mail: contato@atenaeditora.com.br

SUMÁRIO

CAPÍTULO I

CULTURA SURDA NA EDUCAÇÃO DE SURDOS: UMA ANÁLISE DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DESENVOLVIDAS POR PROFESSORAS NO CURSO DE PEDAGOGIA

Fernando Rodrigues Tavares e Polliana Barboza da Silva..... 6

CAPÍTULO II

A EDUCAÇÃO DE SURDOS: UM RESGATE HISTÓRICO DO DESENVOLVIMENTO DAS ESTRATÉGIAS DE ENSINO APRENDIZAGEM PARA OS DEFICIENTES AUDITIVOS

Daniele Gruska Benevides Prata, José Kasio Barbosa da Silva, Marcos Andrade Alves dos Santos, José Rafael Moura Silva, Luis Gustavo Guerreiro Moreira e Juliana Brito Cavalcante 16

CAPÍTULO III

A EDUCAÇÃO ESPECIAL EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE RECIFE – PE

Anderson Felipe Pereira da Silva, Elyza Matutynna de Queiroz Santos, Luiz Ferreira de Oliveira Junior, Maria Elena da Cruz e José Dayvid Ferreira da Silva 29

CAPÍTULO IV

A EDUCAÇÃO ESPECIAL SOB O PRISMA DA LEGALIDADE: CAMINHOS NORMATIVOS PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Ana Cristina de Almeida Cavalcante Bastos, Ana Paula Soares Loureiro Rodrigues e Layanna de Almeida Gomes Bastos 37

CAPÍTULO V

A UTILIZAÇÃO DE MATERIAIS MANIPULÁVEIS PARA INTRODUÇÃO DO NÚMERO PI A ALUNOS SURDOS E OUVINTES NO ENSINO FUNDAMENTAL

Anyla Laise Santos, Monalisa Silva Melo, Karolina Lima dos Santos Araújo e José Jefferson da Silva 51

CAPÍTULO VI

A UTILIZAÇÃO DE RECURSOS DIDÁTICOS COMO MÉTODOS MEDIADORES E FACILITADORES NO ENSINO DE QUÍMICA PARA ALUNOS CEGOS

Andrezza Damasceno de Macêdo, Ana Célia Pereira Damasceno de Macêdo, Amanda Damasceno de Macêdo, Ana'mélia Damasceno de Macêdo, Cintia Valéria da Conceição, Juliana da Silva Pereira e Lourhan Oliveira Chaves..... 59

CAPÍTULO VII

BRINQUEDOTECA, BRINCAR PARA INCLUIR: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Pollyana Souto da Silva, Pedro Thiago Chagas de Souza, Bruna Caroline Pessoa Guimarães e Tânia Maria de Oliveira Nery..... 70

CAPÍTULO VIII

DESAFIOS NO PROCESSO DE INCLUSÃO DE PESSOAS AUTISTAS

Luanna Raquel Gomes Macedo, Tatiana Cristina Vasconcelos, Joselito Santos, Aline Oliveira Costa, Fernanda Caroline Pereira Silva e Nathalia Rodrigues Araújo.....81

CAPÍTULO IX

EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSIVA: ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES A PARTIR DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL

Blenda Carine Dantas de Medeiros e Thiago Matias de Sousa Araújo.....94

CAPÍTULO X

EDUCAÇÃO INCLUSIVA E A CONCEPÇÃO VYGOTSKYANA DA MEDIAÇÃO

Wuallison Firmino dos Santos, Vanessa Lays Oliveira dos Santos e Marcus Bessa de Menezes..... 105

CAPÍTULO XI

EDUCAÇÃO INCLUSIVA: UMA ANÁLISE PROFISSIONAL E CURRICULAR

Renan Belém da Silva, Osias Raimundo da Silva Junior, Carlos Augusto Batista Sena, Vyctor Mateus de Melo Alves da Silva e Rebeka Rayane Araujo de Lima..... 115

CAPÍTULO XII

EDUCAÇÃO NÃO FORMAL NO GRUPO AGITAÇÃO RIO PRETO: ANÁLISE DA ACESSIBILIDADE EM AMBIENTES PROPÍCIOS AO LAZER E À EDUCAÇÃO

Maria Fernanda Sanchez Maturana, Vagner Sérgio Custódio, Vanessa Cristina Sossai Camilo e Fátima Elisabeth Denari..... 124

CAPÍTULO XIII

INCLUSÃO DE ALUNO COM SÍNDROME DE DOWN NO ENSINO SUPERIOR É POSSÍVEL

Sônia Helena Costa Galvão de Lima e Edileine Vieira Machado..... 134

CAPÍTULO XIV

INCLUSÃO DO ALUNO SURDO NO ENSINO REGULAR

Patrícia Teixeira de Matos e Raimunda Auríliia Ferreira de Sousa..... 146

CAPÍTULO XV

INCLUSÃO ESCOLAR DE DEFICIENTES FÍSICOS: ESTUDO DE CASO DE PESSOAS COM OSTEOGÊNESE IMPERFEITA.

Núbia Xavier da Silva, Carla Estefani Batista, Oberdan José Teixeira Chaves e Agerdânio Andrade de Souza 159

CAPÍTULO XVI

INCLUSÃO ESCOLAR: ESTUDO REALIZADO COM ALUNOS COM SÍNDROME DE DOWN NA REDE PRIVADA DE ENSINO NO MUNICÍPIO DE OLINDA/PE

Márcia Rejane Almeida de Carvalho ,..... 174

CAPÍTULO XVII

MIELOMENINGOCELE E HIDROCEFALIA NA ESCOLA: ROMPENDO COM OS NERVOS DAS LIMITAÇÕES EDUCACIONAIS

Katheley Wesllayny da Silva Santos..... 191

CAPÍTULO XVIII

OS ALUNOS COM ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO E A TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL: UMA REVISÃO DA LITERATURA

Keilla Rebeka Simões de Oliveira e Sandra Patrícia Ataíde Ferreira 204

CAPÍTULO XIX

POLÍTICAS DE INCLUSÃO E EVASÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR PRIVADA: INCLUSÃO, PARA QUEM?

Andreia Gomes da Cruz 216

CAPÍTULO XX

PROJETO DE INTERVENÇÃO: “A INCLUSÃO COMEÇA POR VOCÊ!”

Amanda Pereira Soares Lima e Carla Montefusco de Oliveira..... 231

CAPÍTULO XXI

REFLETINDO A AVALIAÇÃO E (RE)PENSANDO MODELOS ALTERNATIVOS PARA ALUNOS COM NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECÍFICAS

Déborah Kallyne Santos da Silva, Veralucia de Lima Silva, Marly Santos da Silva, Cristiane do Nascimento Martins e Adriana de Andrade Gaião e Barbosa..... 242

CAPÍTULO XXII

TECENDO RELAÇÕES ENTRE LETRAMENTO DIGITAL E INCLUSÃO SOCIAL

Luciana Velloso..... 251

Sobre os autores.....262

CAPÍTULO XVI

INCLUSÃO ESCOLAR: ESTUDO REALIZADO COM ALUNOS COM SÍNDROME DE DOWN NA REDE PRIVADA DE ENSINO NO MUNICÍPIO DE OLINDA/PE

Márcia Rejane Almeida de Carvalho

INCLUSÃO ESCOLAR: ESTUDO REALIZADO COM ALUNOS COM SÍNDROME DE DOWN NA REDE PRIVADA DE ENSINO NO MUNICÍPIO DE OLINDA/PE

Márcia Rejane Almeida de Carvalho
Universidade Nova Lisboa – Portugal

RESUMO: A inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais no ensino regular é hoje uma obrigatoriedade no Brasil. Para tal, é necessário que as escolas adotem atitudes e estratégias que possam responder à diversidade da sua população escolar, o que exige da instituição escolar uma ressignificação paradigmática e metodológica da normalidade para a diferença. Partindo do princípio que esta mudança levanta dificuldades às escolas, nossa pesquisa teve como objetivo compreender como é que os professores do ensino regular de uma instituição da rede privada de ensino, no município de Olinda/PE, Brasil, promovem a inclusão de alunos com Síndrome de Down (SD). De natureza qualitativa, utilizámos como instrumentos, a pesquisa de documentos e a entrevista semi-diretiva, que realizamos com coordenadores, professores e pais dos alunos que frequentam a referida escola. Os resultados revelam que a inclusão destes alunos, quando entendida como própria ao direito à diferença, impulsiona a escola a superar os limites do processo.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Inclusiva; Síndrome de Down; Desenvolvimento Cognitivo.

INTRODUÇÃO

A inclusão escolar tem sido um dos temas mais polêmicos quando o assunto é educação na atualidade. O ato de inserir o estudante com necessidades educativas especiais no ensino regular, por si só, não significa uma inclusão efetiva e genuína. A inclusão por mais justa que seja exige muita reflexão e preparo do contexto escolar.

A verdade é que a polêmica e a complexidade em torno da inclusão no Brasil nos últimos anos se justificam, haja vista envolver assuntos sociais, políticos, educacionais, medicinais, entre outros. Mas, enquanto alguns estudiosos estão discutindo sobre terminologias, às escolas estão, no mundo real, recebendo as mais diversas crianças com necessidades especiais e com um fluxo cada vez maior. O certo é que o sistema escolar brasileiro encontra-se diante do desafio de buscar a educação que contemple a diversidade da condição humana. Propomos aqui uma discussão que abrange uma retrospectiva sobre a inclusão, o reconhecimento de práticas pedagógicas, formação do professor e a escola inclusiva, direcionada a criança com Síndrome de Down (SD), que frequenta o Ensino Fundamental, séries iniciais, de uma escola privada do município de Olinda.

A partir do nosso convívio profissional com as crianças com Síndrome de Down, por diversos momentos, esse desafio nos pareceu tomar grandes proporções, devido à preocupação de inclusão das crianças (SD) em salas regulares. Foi

justamente nesse contexto de exercício profissional que sentimos despertar um enorme interesse em relação à educação das crianças que se apresentam fora do convívio com as outras crianças das salas regulares.

No entanto, hoje observamos a realidade das nossas escolas e a postura que vem sendo tomada diante da proposta de inclusão dos alunos com SD nas classes regulares de ensino, aumentando nossas indagações referentes a essa inclusão.

Para Mantoan (2006) devemos pensar a escola inclusiva como um lugar em que todos os alunos aprendem juntos, com as mesmas oportunidades e em um ambiente enriquecido pela ampla rede de interação social. A autora acredita que é possível sim promover a inserção de alunos com SD em salas regulares, desde que se tenha à vontade para que isso aconteça. Tendo como questão de partida:

Como é que os professores do ensino regular de uma escola da rede privada de Olinda promovem a inclusão de alunos com síndrome de Down? Nosso objetivo foi compreender como é que os professores do ensino regular desta instituição promovem a inclusão destes alunos. De natureza qualitativa, utilizamos como instrumentos, a pesquisa documental e a entrevista semi-diretiva com coordenadores, professores da instituição e Pais dos alunos que a frequentam.

REFERENCIAL TEÓRICO

Nossa pesquisa percebeu na Educação Especial e as Políticas Públicas sendo relevantes no processo de inclusão das crianças com Síndrome de Down nas salas regulares de ensino. É importante contextualizar a Educação Especial desde o seu surgimento até a atualidade, para que se perceba o papel da escola nos avanços da Educação inclusiva, longe de ser a responsável pela negação do direito das pessoas com necessidades educacionais especiais, de terem acesso à educação. Contudo, é importante perceber que a história demonstra certa vulnerabilidade do grupo social constituído pelas pessoas com deficiência e marcada pela sua segregação no sistema educacional e pela violação de seus direitos fundamentais. Assim sendo, podemos observar uma educação voltada à exclusão nas palavras de Magalhães, quando nos fala que (2002, p.16): [...] não podemos deixar de lado, e nos esquecermos, que a história da educação especial brasileira é marcada pela exclusão. Historicamente o processo de exclusão/inclusão de pessoas com deficiência está intimamente ligado às questões culturais. Nesse contexto, a educação passa a ser vista como um dos instrumentos que pode contribuir para a transformação social e passa a ser condição básica para que o direito do homem seja respeitado e se torne uma realidade, ou seja, parte-se do princípio de que a educação dos indivíduos e de cada sociedade, em suas diversas instâncias e representações, possam promover o respeito e o direito à inclusão das crianças com deficiência nas salas regulares de ensino. Com isso podemos perceber as inúmeras possibilidades de inclusão presentes na sociedade contemporânea. Destacamos as palavras de Stainback e Stainback (1999, p.10):

“uma escola inclusiva é aquela que educa todos os alunos em salas de aula regulares. Educar todos os alunos em salas de aula regulares significa que todo aluno recebe educação e frequentam aulas regulares. Também significa que todos os alunos recebem oportunidades educacionais adequadas, que são desafiadoras, porém ajustadas as suas habilidades e necessidades” (Stainback e Stainback 1999, p. 10).

No Brasil, constata-se a dificuldade histórica de entendimento do processo de inclusão de crianças com necessidades especiais. Fator favorecido pela falta de oportunidade de educação para as classes populares, como também não existir essa educação, para os deficientes na maior parte do país. Daí a ideia de exclusão.

Na concepção de Sassaki (2002, p. 41), “é fundamental equiparmos as oportunidades para que todas as pessoas, incluindo portadoras de deficiência, possam ter acesso a todos os serviços, bens, ambientes construídos e ambientes naturais, em busca da realização de seus sonhos e objetivos”. Diante disso, as Políticas Públicas têm como objetivo promover a inclusão escolar especificamente de “alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação” (Brasil, 2008, p.14), apoiando os sistemas de ensino para que garantam:

- Acesso ao ensino regular, com aprendizagem efetiva;
- Transversalidade da modalidade de educação especial desde a educação infantil até a educação superior;
- Oferta do atendimento educacional especializado;
- Formação de professores para o atendimento educacional especializado; participação da família e da comunidade;
- Acessibilidade arquitetônica, nos mais diversos meios;
- Articulação intersetorial na implementação das políticas públicas.

Dessa forma podemos avaliar Inclusão e Educação Inclusiva numa visão de um novo paradigma garantindo uma educação de qualidade onde os alunos com SD venham participar de um ambiente favorável a sua interação em salas regulares. Ao referenciar anteriormente a Declaração Universal dos Direitos do Homem (1948), podemos referir de forma mais direta a questão da educação anunciada nos artigos XXVI e XXVII, ao considerar que:

1. Todo homem tem direito á instrução. A instrução será gratuita, pelo menos nos graus elementares e fundamentais. A educação elementar será obrigatória. A instrução técnico-profissional será acessível a todos, bem como a instrução superior, esta baseada no mérito.
2. A instrução será orientada no sentido do pleno desenvolvimento da personalidade humana e do fortalecimento do respeito pelos direitos do homem e pelas liberdades fundamentais. A instrução promoverá a compreensão, a tolerância e a amizade em todas as nações e grupos raciais ou religiosos, e coadjuvará as atividades das Nações Unidas em prol da manutenção da paz.

Segundo teóricos da Escola Nova, como Montessori (1912) e Decroly (1978), a educação especial era trabalhada como uma pedagogia terapêutica. Podemos citar como exemplo as Sociedades Pestalozzi e as Associações de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) criadas nas décadas de 30 e 50 do século passado, respectivamente e que mantêm até hoje, escolas especiais. Segundo Magalhães (2002):

“as escolas para alunos com deficiência mental já na década de 70, acabaram por caracterizar-se como espaço utilizado para desafogar os problemas do ensino regular, pois não havia uma preocupação com os princípios que regem a educação especial, como por exemplo, a realização de um diagnóstico adequado da clientela e a preparação dos profissionais. Nessa perspectiva delegava a tais classes a obrigação de atender a alunos que apresentavam acentuada repetência escolar e/ou problemas para se adaptarem aos padrões de aprendizagem e comportamento exigidos pela escola comum” (Magalhães, 2002, pp. 63-64).

Para termos um melhor entendimento de nossa investigação, podemos citar as ideias de Xiberras, onde a autora nos fala da necessidade de considerar: [...] ainda que a exclusão não se processa exclusivamente no campo do visível. Ocorre também sob forma pouco perceptiva, porque não excluem nem materialmente nem simbolicamente os excluídos estão simplesmente ausentes ou invisíveis (Xiberras, 1996, p.19).

Em março de 1990, o Brasil participou da Conferência Mundial sobre Educação para Todos, em Jomtien (1990), Tailândia, na qual foi proclamada a Declaração de Jomtien. Nesta Declaração, os países lembraram, que “a educação é um direito fundamental de todos, mulheres e homens, de todas as idades, no mundo inteiro”. O Brasil assumiu, perante a comunidade internacional, o compromisso de erradicar o analfabetismo e universalizar o ensino fundamental no país.

As Mudanças legais observadas hoje no campo da educação estão alinhadas ao movimento pela inclusão, isso por que visa promover o desenvolvimento de sistemas educacionais inclusivos impulsionados a partir da publicação da Declaração de Salamanca já citado anteriormente (UNESCO, 1994). Em relação específica a Síndrome de Down é importante que possamos conhecer um pouco e segundo Voivodic (2004):

[...] descreve a Síndrome Down como uma cromossomopatia, ou seja, uma síndrome cujo quadro clínico global deve ser explicado por um desequilíbrio na constituição cromossômica, no caso a presença de um cromossomo a mais no par 21, caracterizando assim uma trissomia 21 (Brunoni apud Voivodic, 2004, p.39).

Sabemos que as características e aparência e as funções de todos os seres humanos são determinadas principalmente pelos genes. As características das pessoas com SD são formadas por influência justamente pelo seu material genético, com cromossomo extra, além de parecer com os pais às crianças com SD apresentam muitas características em comuns e se parecem um pouco entre si.

Fisicamente a cabeça da criança com (SD) é um pouco menor, o rosto possui um contorno achatado, isso devido aos ossos faciais pouco desenvolvidos e seu nariz é pequeno, os olhos com pálpebras estreitas e levemente oblíquas; orelhas pequenas, boca pequena e cerca de 40% das crianças com SD tem defeitos no coração (Pueschel, 2011).

Em nossa pesquisa chamamos a atenção para alguns aspectos específicos de pessoas com SD, pois será importante identificarmos para que possamos entender algumas situações rotineiras e de exclusão por parte de ainda um grande número de pessoas. Segundo Pueschel (2011), essas características sumariamente são: o pescoço largo e mais grosso, em alguns casos o tórax tem um formato estranho, sendo que a criança pode apresentar um osso peitoral afundado, os pulmões em geral não são anormais, o abdômen também não demonstra anormalidades, seus órgãos genitais não são afetados e as extremidades geralmente têm o formato normal.

É fundamental que o médico não enfatize demais as características físicas da criança, e sim apresente o bebê com Síndrome de Down como um ser humano que necessita de cuidados e carinho (Pueschel, 2011, p. 82).

Na fala de Pueschel (2011), podemos dizer que se uma das células germinativas (espermatozóide ou óvulo) passa contribuir com um cromossomo 21 extra, a primeira célula terá 47 cromossomos e não 46 como deveria ser, dessa forma se não ocorrer aborto natural, nascerá uma criança com Síndrome de Down.

Pueschel (2011) ainda afirma que:

[...] o cabelo não é preto, como é um cabelo de um verdadeiro mongol, mas é de cor castanha, liso e escasso. O rosto é achatado e largo. Os olhos posicionados em linha oblíqua. O nariz é pequeno. Estas crianças têm um poder considerável de imitação (Pueschel, 2011, p.48).

Em relação a Síndrome de Down e Intervenção pedagógica, é entendido que desde os primeiros anos de vida a criança cria sua identidade baseadas nas interações, e sendo assim a família é a primeira célula institucional na qual se firma os vínculos afetivos e estes formam representações.

Dito isto, a família desempenha um papel fundamental no desenvolvimento das crianças visto que as ações humanas refletem a presença de padrões de comportamentos, regido por normas e regras, e essas existem em todas as áreas de nossa vida, esses comportamentos vão desde a maneira de se vestir e comer há outros comportamentos na vida do indivíduo.

Os pais necessitam ajudar o desenvolvimento da criança com SD, e para isso quanto mais os pais se informarem sobre seus filhos na escola, existe a possibilidade precoce de ajudar nos interesses relacionado ao desenvolvimento cognitivo, sensorial, motor e social de seu filho com SD.

Segundo Nogueira (2000) o papel da família não pode ser visto somente como mantenedora e tutelar, mas sim como agenciador de oportunidades e, principalmente, como suporte ativo na promoção da interação criança-escola-

professores. O ambiente familiar nutre a criança de expectativas externas, quando estimuladas e dotadas de conhecimentos prévios é notório que o mundo a ser desvelado na escola tem como base as influências familiares e as possibilidades oferecidas, sendo assim a criança com um núcleo familiar fortalecido estará mais bem preparada para o convívio em outros grupos sociais, inclusive a escola. Devemos lembrar nesse momento os quatro pilares de Educação, conceitos baseados no Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, coordenada por Jacques Delors, no livro “Educação: Um Tesouro a Descobrir” (1999), que:

Propõe uma educação direcionada para os quatro tipos fundamentais de educação: aprender a conhecer, aprender a fazer; aprender a viver com os outros, aprender a ser, eleito como os quatro pilares fundamentais da educação (Delors, 1999, p.163).

Sendo assim, a educação ao longo de toda a vida aparece, pois como uma das chaves de acesso ao século XXI. Ultrapassa a distinção tradicional entre educação inicial e educação permanente e vem dar assim resposta ao desafio de um mundo em rápida transformação, a escola então passa a ter e ser capaz de formar para a vida, para a inovação, acreditando que a educação dá-se em qualquer lugar, na família, nas indústrias, escolas, instituições esportivas, hospitais, em todos os cantos do mundo. Nesta perspectiva Freire (1999, p. 25) afirma que “ensinar não é transmitir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua produção ou a sua construção”.

E este é um processo histórico condicionado pelas próprias condições de vida e resultado da ação histórica dos homens. Carvalho (2004) ressalta que sem atribuir tamanha responsabilidade aos professores, unicamente, há que reconhecer que eles desempenham significativo papel nessa direção. É necessário ressaltar segundo Sanches, 2011, p. 129 que:

[...] trabalhar na construção de modelos de análises da prática que nos permitem uma leitura das práticas com as suas finalidades, os seus diferentes modos de organização e os diferentes processos que as caracterizam. (Sanches, 2011, p.129).

Sabemos e devemos assim considerar o professor como uma referência para aprendente, e não somente um mero instrutor, na formação dos alunos assim enfatiza a importância de seu papel, tanto na construção do conhecimento como na formação de atitudes e valores do cidadão, Sanches (2011) reforça o pensamento que aprender em conjunto seria aprender a viver.

[...] se aprende em conjunto é aprender a viver com os outros, a educação inclusiva, preconizando o desenvolvimento das aprendizagens no grupo e com o grupo, atendendo ao potencial de cada um, para desenvolvê-lo (Sanches, 2011, p.129).

Sendo assim, enxergamos a formação além dos aspectos instrumentais de ensino. É importante descrever também a importância de uma estrutura institucional, com uma equipe de apoio a fim de proporcionar respaldo às necessidades dos alunos especiais, vale salientar que a proposta de um ensino inclusivo se caracteriza por ser um processo dinâmico. Nas palavras de Martínez e Urquizar (2012) refletimos um pouco sobre o professor inclusivo:

O professor tem de ir aplicando uma série de estratégias organizativas e metodológicas que impliquem uma inovação no trabalho docente, rompendo com os sistemas tradicionais de projeção horizontal e ensejando o atendimento personalizado de cada indivíduo, para que a aprendizagem dos alunos seja uma reinterpretação do conhecimento e não como mera transmissão de cultura (Martinez e Urquizar, 2012, p.79).

É importante lembrar que os professores muitas vezes resistem à inclusão, por não se sentirem ou mesmo não terem sido preparados para esse novo paradigma da educação. Na formação para professores de salas regulares existe uma diferença no que se aprende e no que se põem em prática nas salas de aula, eles esperam uma preparação diferenciada para ensinar os alunos com deficiência e/ou dificuldades de aprendizagem, ou melhor, se espera uma formação que lhes permitam aplicar esquemas de trabalhos pedagógicos preestabelecidos, sendo assim estariam garantidas as soluções de todos os problemas que por ventura encontrassem nas salas ditas inclusivas e esse receio é evidente. Na visão de Mantoan (2006) ressaltamos:

[...] não se trata de uma visão ingênua do que significa ser um professor qualificado para o ensino inclusivo, mas de uma concepção equivocada do que é uma formação em serviço e do que significa a inclusão escolar (Mantoan, 2006, p.54).

Acreditamos que a reivindicação em se ter uma escola inclusiva de verdade é grande, de nada adianta colocar as crianças com SD nas salas regulares, se as mesmas forem segregadas, exclusas, sem participação efetiva na sala. A pessoa com SD tem que sentir-se valorizada, importante, inteligente, capaz igual aos demais estudantes. Cada um possui limites, até os “ditos normais”, o que o professor não pode é enfatizar a limitação das pessoas e sim mostrar-lhes que são capazes de evoluir sempre, que cada conquista não é o ponto final, é apenas o estímulo para buscar cada vez mais e melhor.

METODOLOGIA

A inclusão de alunos com SD suscita dificuldades às escolas do ensino regular, pois atender todos os alunos, respeitando os seus ritmos, capacidades e dificuldades nem sempre é uma tarefa fácil de resolver. A partir deste questionamento, definimos a nossa questão de partida:

Como é que os professores do ensino regular de uma escola da rede privada de Olinda promovem a inclusão de alunos com síndrome de Down? Nesse sentido definimos nossos objetivos sendo: Compreender como é que os professores do ensino regular de uma instituição da rede privada de ensino promovem a inclusão de alunos com Síndrome de Down. Em função da questão de partida e respetivos objetivos, este estudo é de natureza qualitativa. Uma das características do método qualitativo é o conhecimento do significado que as pessoas designam as coisas sendo que a perspectiva dos participantes é foco principal dessa investigação.

Neste sentido Richardson (2011) afirma que:

A abordagem qualitativa de um problema, além de ser uma opção do investigador, justifica-se, sobretudo, por ser uma forma adequada para entender a natureza de um fenômeno social. Tanto assim é que existem problemas que podem ser investigados por meio de metodologia quantitativa, e há outros que exigem diferentes enfoques e, conseqüentemente, uma metodologia de conotação qualitativa (Richardson, 2011, p.79).

Diante da afirmação acreditamos que também a teoria deva surgir tanto perguntas como indicar possibilidades de interpretações. Seria um problema que não têm uma solução pré-definida, exigindo empenho do pesquisador para identificar o problema, analisar evidências, desenvolver argumentos lógicos, avaliar e propor soluções, dentro de nossa proposta de investigação reproduzimos questionamento, incertezas e as possibilidades de um contexto e a necessidade de uma tomada de decisão. Utilizamos na investigação como instrumentos de trabalho a entrevista semiestruturada e a pesquisa documental.

De acordo com Richardson (2011) a entrevista:

É uma técnica importante que permite o desenvolvimento de uma estreita relação entre as pessoas. É um modo de comunicação no qual determina informações é transmitida de uma pessoa A a uma pessoa B (Richardson, 2011, p.207).

Visto fornecer o material necessário para uma investigação qualitativa, segundo Bardin (2011) a entrevista:

É indispensável para um trabalho qualitativo, que fornece um material verbal rico e complexo (Bardin, 2011, p. 93).

A pesquisa documental, consiste em fazer um levantamento de material necessário a nossa investigação, servindo assim como apoio para termos ainda mais informações referente ao investigado. Através da investigação sentimos necessidade de analisarmos documentos essenciais, tais como o Projeto Político Pedagógico da escola, que juntamente com a entrevista e a observação nos ofereceu informações necessárias.

Pimentel aponta:

São descritos os instrumentos e meios de realização da análise de conteúdo, apontando o percurso em que as decisões foram sendo tomadas quanto às técnicas de manuseio de documentos: desde a organização e classificação do material até a elaboração das categorias de análise (Pimentel 2001, p.179).

Participaram da investigação 4 pais que possuem seus filhos com SD matriculados na escola investigada, 4 professores que trabalham diretamente com alunos com SD e 3 coordenadores de uma escola da rede privada de ensino da cidade de Olinda/PE Brasil. A escolha do local e dos sujeitos foi intencional, na medida em que nos conhecíamos a escola e seu trabalho e buscávamos compreender como é que os professores do ensino regular de uma instituição da rede privada de ensino promovem a inclusão de alunos com Síndrome de Down.

Quadro 1 – Caracterização dos Professores

	Grupo Etário	Tempo de experiência com alunos SD	Gênero	Graduação
1ª Professora	30 - 39	2 anos de Experiência	Feminino	Pedagogia
2ª Professora	30 - 39	6 anos de Experiência	Feminino	Pedagogia
3ª Professora	30 - 39	7 anos de Experiência	Feminino	História
4ª Professora	40 - 49	10 anos de Experiência	Feminino	Pedagogia

Quadro 2 - Caracterização dos coordenadores entrevistados

	Grupo Etário	Tempo de experiência com alunos SD	Sexo	Graduação
1ª Coordenador	30 - 39	4 anos de Experiência	Feminino	Pedagogia
2ª Coordenadora	40 - 49	10 anos de Experiência	Feminino	Pedagogia
3ª Coordenadora	50+	12 anos de Experiência	Feminino	Pedagogia

Quadro 3 - Caracterização dos pais dos alunos com SD

	Grupo Etário	Sexo
1ª Mãe	40 - 49	Feminino
2ª Mãe	50 - 59	Feminino
3ª Mãe	50 - 50	Feminino
4ª Pai	50 +	Masculino

Para o trabalho investigativo escolhemos uma escola da rede privada de ensino no município de Olinda/PE, que realiza há vários anos um trabalho inclusivo, está inserida nesta comunidade há 35 anos e junto aos seus coordenadores e professores realizam um trabalho que enfoca em sua concepção a inclusão e atividades dirigidas às crianças com SD em salas regulares o que faz com que os pais /professores/escola tenham uma ligação forte dentro do trabalho realizado, bem como trabalhar e respeitar os limites, potencialidades e aprendizagens frente a sua execução e diante das diferenças.

A escola escolhida possui educação infantil ao ensino médio, realizando um trabalho de educação inclusiva com alunos SD na comunidade onde está inserida. Possui ao todo 578 alunos, dividido em 2 turnos manhã e tarde. A escola possui um

quadro de 27 professores, 4 auxiliares , 4 coordenadores, 1 Diretor e 5 serviços gerais. Os dados cruzados possibilitam uma compreensão relativamente á inclusão de alunos com SD no contexto em que este estudo se processou.

RESULTADOS

Nos resultados obtidos foi possível perceber que a forma de tratamento aos alunos com SD pela escola investigada parece-nos não muito comum, desde a forma como se dá os tratamentos entre aluno-professor, professor-equipe diretiva e aluno-aluno. Essa forma de condução das relações está no nosso entender, diretamente vinculada à proposta da escola de ser um espaço democrático, onde o processo de aprendizagem está intimamente relacionado com o ambiente que é proporcionado, além disso, as atividades desenvolvidas foram colocadas como essencial para um melhor desenvolvimento dos alunos na questão da aprendizagem como também favorecendo a interação dos alunos nas salas regulares.

A Política educacional da instituição escolar investigada está voltada para um modelo inclusivo, no entanto, nas falas da equipe diretiva ficou evidenciado o cuidado de se usar esse conceito. As coordenadoras reconhecem que a escola preenche alguns requisitos para se constituir um ambiente inclusivo ao reconhecerem a condição de acolhedora desses alunos nas salas regulares. Mencionam também o quanto é importante a presença da família na escola e que tem uma preocupação muito grande, relacionada a formação de seus professores no que diz respeito ao conhecimento da inclusão e as possibilidades desse trabalho.

A grande preocupação da escola, detectada por nós a partir das entrevistas, é de que realmente a escola possa favorecer aos alunos com SD um lugar acolhedor e com profissionais prontos para realizar um trabalho inclusivo com eles. Como também trazer para dentro dos muros da escola os pais das crianças para que se fomente um constante debate a respeito do conhecimento a cerca da síndrome de Down e assim ampliar o trabalho já desenvolvido pela escola. Dessa maneira entendendo que como escola inclusiva ainda se tem muito que fazer, eles desenvolvem junto aos professores-alunos-pais um trabalho voltado a inserção desses alunos, bem como a preocupação da inserção dessas crianças.

Os professores participam de reuniões pedagógicas, em que são discutidos temas referentes á inclusão e às dificuldades que encontram durante as atividades desenvolvidas por eles em sala. No entanto, muitas dificuldades ainda persistem e, quando isso ocorre, a escola procura apoio técnico qualificado para a resolução. É importante salientar que, no momento, todos os alunos com SD que estão frequentando a escola estão tendo atendimento paralelo em clínicas particulares.

O espaço de troca entre o corpo docente da escola é sem dúvida uma qualidade da instituição. Os professores reúnem-se periodicamente para sanarem suas dúvidas e trocarem experiências. Ocorrem também reuniões com a equipe diretiva e esporadicamente com técnicos de fora da instituição, convidados a esclarecerem dúvidas. Também se percebeu o trabalho realizado em sala para a

aceitação das diferenças bastante efetivo entre eles como o interesse em atividades em grupo e lúdicas para trazer os alunos com SD em participar cada vez mais das aulas.

Dos sujeitos envolvidos na pesquisa, pais, professores e coordenadores foi possível abstrair que não se pode falar sobre interação ou inclusão com sucesso, sem considerar as características pessoais de cada sujeito. Com relação em especial a interação, as características de personalidade, seus traços e tendências estão intimamente ligados a disponibilidade para o contato social e a interação propriamente dita com os demais. A partir das falas das professoras percebemos que o aluno cujo o codinome designamos A apresenta por exemplo uma predisposição para se relacionar com os demais muito maior que a aluna B, e esta uma predisposição maior com relação a aluna C.

É importante destacar, também, o quanto às características da personalidade dos sujeitos interferem ou são determinantes nas relações dos alunos com SD e seus pares. Isso influencia diretamente na participação deles nas atividades desenvolvidas em sala, como nas relações de interação com as outras crianças. Na verdade, toda e qualquer atividade humana que requer a participação de mais de uma pessoa envolvida em torno de uma mesma proposta ou objetivo requer que traços individuais sofram manejo socialmente aceitável, ou seja, que as características individuais tomem como base o anseio do grupo e que seja respeitado o espaço que esse grupo pode lhe permitir ou determinar, enquanto grupo social que é. A partir do momento que lidamos com os pais, professores, coordenadores, de modo geral precisamos dentro do espaço escolar trabalhar muito bem as questões sobre as diferenças, partindo do princípio da inclusão.

Outro aspecto que podemos lembrar e deve ser considerado como compreensão desse processo de interação e inserção dos alunos com SD em salas regulares, sem dúvida é o envolvimento da família. Nesse sentido as famílias envolvidas por uma história comum de busca por espaços para os seus filhos, onde eles possam desenvolver-se junto com outras crianças que não apresentem nenhum traço sindrômico. Embora a escola esteja inserida em uma comunidade carente, os pais ainda assim possuem condições de oferecer outros atendimentos especializados aos seus filhos portadores de SD. Mesmo assim este aspecto não se tornou fator relevante ao nosso estudo, pois acreditamos que os aspectos sociais dos alunos não determinaria um procedimento diferenciado nas interações sociais no ambiente escolar investigado.

Creditamos a nossa investigação a veracidade das relações independentemente das classes sociais envolvidas, pois ao longo da investigação, nos preocupamos muito mais com os aspectos favoráveis às interações, sejam traços de personalidade, estilos próprios de conduzir os relacionamentos sociais, o entendimento de convivência e relacionamento aluno-aluno, aluno-professor, família-aluno, família-professor, escola-professor, aluno-escola e família-escola.

Percebemos que desde a formação da equipe que constituiria a escola como uma instituição educacional com uma perspectiva diferenciada das demais. Guiada por um paradigma que rompe com a proposta da escola tradicional, a preocupação

com o respeito às diferenças e a aposta no potencial a ser desenvolvido. Um espaço que respeite os indivíduos como seres únicos que são, valorizados a sua criatividade e fornecendo espaço para um desenvolvimento global do indivíduo. Identificamos na proposta pedagógica da escola a tendência em oferecer aos seus alunos um ambiente favorável às trocas de experiências, considerando seu papel enquanto escola, propiciando um ambiente que promove e desenvolve o pensamento crítico e a criatividade de seus alunos.

Salientamos também que os resultados ora mencionados fizeram-se valer para a realidade por nós investigadas. Gostaríamos de mencionar que a validação do compreender investigado oriundo da referida investigação, necessitam de investigação in lócus. Isso devido à realidade institucional e social dos sujeitos envolvidos. Mas com certeza essa compreensão relacionadas à interação e inserção das crianças com SD em salas regulares se dá de forma positiva e dinâmica e que necessita para essa interação a participação de todos os atores da escola pais/professores/equipe diretiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desta investigação foi possível perceber que as dimensões apontadas pela literatura que investiga sobre inclusão educacional, tais como as atitudes dos sujeitos envolvidos nesse estudo, reafirmam de forma natural as dificuldades na recepção e adaptação do aluno com necessidades educativas especiais a rede de ensino regular. Sentimos nessa reta final a necessidade de reforçarmos nossa visão de inclusão enquanto processo e, assim sendo, automaticamente permeamos este processo de significados históricos que são estruturantes da nossa percepção a cerca dos fenômenos que nos rodeia. Não poderíamos nos reportar a denominação desses processos sem referendar nosso referencial teórico ao longo de nossa investigação. Se ao mencionarmos como anteriormente dito nas palavras de Xiberras (1996):

A temática do conflito permite, em muitos casos, explicar o ponto de partida de um processo de exclusão que começa por uma derrota dos futuros excluídos que serão, pouco a pouco, rejeitados pela sua não conformidade com o modelo dos vencedores (Xiberras, 1996, p.17).

Essa forma de tratamento dispensado aos excluídos, de forma segregadora, aponta atitudes malévolas de eliminação e rechaço da deficiência como forma de banir as diferenças, reforçado pelo cunho religioso de cada época, nos dias de hoje, sentimos-nos muito a vontade para dizermos que o tratamento dispensado possui uma gama maior de conhecimento vinculado ao técnico, teórico, afetivo e ao respeito a estas diferenças. Hoje, a ampla visão que temos a respeito das concepções das diferenças é infinitamente maior em relação a que se tinha no século passado, como exemplo temos a questão da inserção nos diversos campos e uma infinita gama de possibilidades antes não proporcionadas. No entanto, a tendência á discriminação e

ao preconceito parecer continuar presente entre a sociedade do século vinte um, o que faz ter a certeza de que muito ainda precisamos mudar no decorrer desse processo de aceitação das diferenças. Investigar questões que envolvam aceitar o outro como ele é e inseri-lo nas salas regulares de ensino, numa proposta de inserção desses alunos, dentro de uma perspectiva de interação dessas crianças, implica em apontar as origens da segregação e apontar propostas para que este modelo de conduta seja alterado. Propor a inserção do diferente no ambiente dos ditos “normais” implica entre tantas coisas, na mudança de atitude para com os outros e em relação a si próprio. Implica visualizar o outro como sujeito capaz e que possui direitos as oportunidades de igual forma, como estar inserido entre os outros alunos em salas regulares.

O objetivo a que nos propomos nesta investigação foi o de compreender como é que os professores do ensino regular de uma instituição da rede privada de ensino promovem a inclusão de alunos com Síndrome de Down . A partir da análise dos dados coletados ao longo do processo de investigação, destacamos os seguintes itens a serem comentados. A relação de cooperação e interação entre os alunos com SD e os demais colegas de sala, relação essa bem favorecida pela filosofia da escola, bem como as atividades realizadas em sala de aula pelos professores, onde procuram valorizar e incentivar o respeito pela diferença e valorizar os limites de aprendizagem dessas crianças.

Dessa forma concluímos em parte nosso estudo, pois sabemos que tal como a inclusão, esse trabalho é também um processo, um amadurecer de ideias e que alimenta novos objetivos e interesses de investigação.

REFERÊNCIAS

ALBANO, Estrela. **Teoria e Prática de Observação de Classes**. Ed. Inic Lisboa, 1996.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: MEC, 1996.

_____. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial**. Brasília, 2001.

_____. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva de Educação Inclusiva**. Brasília, 2008.

CARNEIRO, M. **A integração de alunos considerados especiais nas redes públicas de ensino – Um olhar Vygotskyano**. In: ABRAMOWICZ, Anete ET AL. Para além do fracasso escolar. Campinas: Papirus, 1997.

_____. **O Acesso de alunos com Deficiência às Escolas e Classes Comuns**. Ed. Vozes, 2008.

CARVALHO, V. D. T. **Indicadores que promovem a aceitação do aluno com síndrome de Down no ensino regular.** 2002. 122f. (Dissertação de Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

CARVALHO, Rosita E. **Dez anos Depois da Declaração de Salamanca.** ed. Porto Alegre 2004.

_____. **Removendo barreiras para a aprendizagem: educação inclusiva.** 2ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2007.

_____. **Educação Inclusiva: com os pingos nos “is”.** Ed. Mediação, 2009. Declaração de Salamanca. Secretaria de Educação Especial. **Declaração Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais: Acesso e qualidade.** Trad. Edílson Alkmim da Cunha. 2ª ed. Brasília: CORDE, 1994.

DECLARAÇÃO de Jomtiem. **Conferência Mundial sobre Educação para todos.** Tailândia 1990.

DELORS, Jacques. **Educação: Um tesouro a descobrir.** Rio de Janeiro: Cortez, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** Ed. Paz e Terra, 1999.

GLAT, R. **A integração social dos portadores de deficiência mental: uma reflexão.** 3ª Ed. Rio de Janeiro: Letras, 2004.

_____. **Educação Inclusiva: cultura e cotidiano escolar.** Rio de Janeiro Ed. 7 letras. 2007

JANUZZI, Gilberta de Martinho. **A educação do deficiente no Brasil: dos primórdios ao início do século XXI.** Campinas. Autores Associados, 2004. Coleção Educação Contemporânea.

LIMA, Priscila Augusta. **Inclusão escolar de crianças com síndrome de Down: a prática nossa de cada dia.** In: Anais do III Seminário Paranaense de Educação Especial, 2008.

_____. **Educação Inclusiva: Indagações e ações nas áreas da educação e da saúde.** Ed. Avercamp, 2010.

MAGALHÃES, Rita de Cássia B. Paiva. **Reflexões sobre a diferença: uma introdução á educação especial.** Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

MANTOAN, Maria Tereza Eglér. **A Integração de pessoas com deficiência: contribuições para uma reflexão sobre o tema.** São Paulo: SENAC, 1997.

_____. **Inclusão Escolar O que é? Por que? Como Fazer?** Ed. Moderna, 2003.

_____. **Inclusão escolar O que é? Por quê? Como fazer?** Ed. Moderna, 2006.

MARTINEZ E URQUIZAR. **Bases Psicopedagógicas da Educação Especial.** Editora: Vozes, 2012.

NOGUEIRA, Maria Alice. **Família e Escola.** Rio de Janeiro: Ed Vozes, 2000.

OMOTE, Sadao. **Inclusão Escolar: As Contribuições da Educação Especial.** Ed. Cultura Acadêmica, 2008.

_____. Deficiência e não deficiência: Recortes do mesmo tecido. **Revista de Educação Especial.** Brasília, v.1 nº 2 p. 65-73 jan/jun 1994.

_____. **Inclusão Escolar: As Contribuições da Educação Especial.** Ed.Cultura Acadêmica, 2008.

PIMENTEL, Susana Couto. **Conviver com a Síndrome de Down em Escola Inclusiva.** São Paulo 2012.

_____ O método da análise documental: seu uso numa pesquisa histórica. **Cadernos de Pesquisa,** n.114, p.179-195, nov., 2001.

PUESCHEL, S. **Síndrome de Down Guia para Pais e Educadores.** São Paulo, Ed. Papyrus. Edição, 2011.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social Métodos e Técnicas.** São Paulo: Ed Atlas, 2011.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos.** 4ª ed. Rio de Janeiro: WVA, 2002.

SANCHES, Isabel Rodrigues. **Em busca de Indicadores de Educação Inclusiva.** Coleção Ciências da Educação. 1ª edição Edições Universitárias Lusófonas. Lisboa, 2011.

SILVA, Maria Odete Emygdio. **Gestão das Aprendizagens na sala de aula inclusiva.** Edições Universitárias Lusófonas. Lisboa, 2011.

_____. (2013). Dados de Investigação em Ciências da Educação e em Artes Visuais: testemunho para a construção da Escola Inclusiva. **Revista Lusófona de Educação**, 25, 13-29. ISSN 1645-7250.

_____. (2011). Educação Inclusiva - um novo paradigma de escola. **Revista Lusófona de Educação**, 19, 119-134.

STAINBACK, Susan; STAINBACK, William: **Inclusão Um Guia para educadores**: Belo Horizonte: Artmed, 1999.

UNESCO. **Declaração Mundial de Educação para todos e plano de ação para satisfazer as necessidades básicas da aprendizagem**. 1990.

_____. **Relatório Mundial sobre Educação: O direito á Educação**. Porto: Edições ASA S.A, 2000.

VYGOTSKY, L.V. **Pensamento e Linguagem**. 6ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. **A Formação social da mente: o Desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 6ª edição São Paulo: Martins Fontes 1998.

VOIVODIC, Maria Antonieta. **Inclusão Escolar de Crianças com Síndrome de Down**. Rio de Janeiro. Ed Vozes, 2004.

XIBERRAS, Martine: **As Teorias da Exclusão**: Instituto Piaget, 1996.

WERNECK, C. **Ninguém mais vai ser bonzinho na sociedade inclusiva**. 2ª Ed. Rio de Janeiro, 1997

ABSTRACT The inclusion of students with special educational needs in regular education is now mandatory in Brazil. To do this, it is necessary for schools to adopt attitudes and strategies that can respond to the diversity of their school population, which requires a paradigmatic and methodological re-signification of normality for difference from the school institution. Assuming that this change raises difficulties for schools, our research aimed to understand how teachers of the regular education of a private educational institution in the city of Olinda / PE, Brazil, promote the inclusion of students with Syndrome Of Down (SD). Of qualitative nature, we used as instruments, the document research and the semi-directive interview, which we carried out with coordinators, teachers and parents of students attending said school. The results reveal that the inclusion of these students, when understood as proper to the right to difference, drives the school to overcome the limits of the process.

KEYWORDS: Inclusive Education; Down's syndrome; Cognitive Development.

Sobre os autores:

Adriana de Andrade Gaião e Barbosa Professora da Universidade Federal da Paraíba, Departamento de Psicopedagogia. Graduação em Psicologia pela Universidade Federal da Paraíba; Mestre em Desenvolvimento Humano pela Universidade Federal da Paraíba. Doutora em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba; Coordenadora do Grupo de Pesquisa Transtornos do Desenvolvimento, Aprendizagem e Comportamento/NESMEP/UFPB. E-mail para contato: adrianagaiao@uol.com.br

Agerdânio Andrade de Souza Revisor de texto Braille do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Amapá. Graduado em Química com atribuição em licenciatura e Física pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR/RO); Mestrado em Química pela Universidade Estadual de Londrina (UEL/PR); Integrante do Laboratório de Desenvolvimento de Instrumentação e Automação Analítica (Grupo DIA), cadastrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa – CNPq; E-mail para contato: as.ac@hotmail.com

Aline Oliveira Costa Graduanda no curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, pela Universidade Estadual da Paraíba. Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), com o projeto: Política Educacional, parcerias público-privado e redes governança: reflexões a partir de redes de ensino de Campina Grande – PB. E-mail: alineoliveiracosta10@gmail.com

Amanda Damasceno de Macêdo Bacharel em Enfermagem pela Faculdade de Ciências e Tecnologia do Maranhão – FACEMA; Especialista em Oncologia pela Faculdade de Ciências e Tecnologia do Maranhão – FACEMA; Especialista em Regulação em Saúde no SUS, pelo Instituto Sírio Libanês. E-mail: amandamacedo190@gmail.com

Amanda Pereira Soares Lima Graduanda em Serviço Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); E-mail para contato: amandapslima@yahoo.com.br.

Ana Célia Pereira Damasceno de Macêdo Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Maranhão – UEMA/Campus Caxias. Mestre em Ciências da Educação pela *Universidad San Lorenzo*-América Latina. Professora da rede municipal e estadual de ensino. E-mail: anacelia2814@hotmail.com

Ana Cristina de Almeida Cavalcante Bastos Graduação em Estudos Sociais pela Universidade Estadual da Paraíba e graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba – UFPB

Ana Paula Soares Loureiro Rodrigues Graduação em Pedagogia pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Ana'mélia Damasceno de Macêdo Graduanda em Medicina Veterinária pela Universidade Federal do Piauí – UFPI. E-mail: macedo.anamelia@gmail.com

Anderson Felipe Pereira da Silva Estudante de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade de Pernambuco.

Andreia Gomes da Cruz Professora da Universidade Estácio de Sá (UNESA); Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); Mestre em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF); Doutora em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF); Pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação Superior (NEPES) da UFF, atuando na linha de pesquisa políticas de educação superior. Bolsista Pesquisa Produtividade da UNESA (2017-2018); E-mail: <andreigomes25@yahoo.com.br>

Andrezza Damasceno de Macêdo Graduada em Licenciatura em Química pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão – IFMA/Campus Caxias. Bolsista de Iniciação à Docência – PIBID/CAPEB. Bolsista de Iniciação Científica – PIBIC/IFMA. Pós-graduanda em Gestão Pública Municipal pela Universidade Federal do Maranhão – UFMA. Pós-graduanda em Libras e Práticas pedagógicas aplicadas à educação bilíngue de surdos pela Fundação Sôsândrade – FSADU. Professora coordenadora do Farol do Saber Gov. Eugênio Barros, Caxias–MA. E-mail: andrezza_damasceno@hotmail.com

Anyla Laise Santos Especialização em ENSINO DE MATEMÁTICA. Universidade Candido Mendes, UCAM, Rio De Janeiro, Brasil; Graduação em Licenciatura em Matemática. Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, Recife, Brasil

Blenda Carine Dantas de Medeiros Psicóloga e Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Assis-SP. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP, processo nº 2016/09622-2). E-mail: blenda_carine@hotmail.com.

Bruna Caroline Pessoa Guimarães Endereço para acessar CV: <http://lattes.cnpq.br/3258281075492716>; Email: bruna.unicap@gmail.com; Graduanda em Fisioterapia – UNICAP -CCBS (Centro de Ciências Biológicas e da Saúde). Voluntária do projeto de Extensão da Unicap (Projeto Horizonte) na atividade de Brinquedista.

Carla Estefani Batista Graduação em Química – Bacharelado e Licenciatura pela Universidade Norte do Paraná (UNOPAR/PR); Mestrado em Química pela Universidade Estadual de Londrina (UEL/PR); Doutoranda em Clima e Ambiente pelo

Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia / Universidade do Estado do Amazonas (INPA/UEA/AM). E-mail para contato: Estefani@hotmail.com

Carla Montefusco de Oliveira Professora adjunta do Departamento de Serviço Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); Membro do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); Graduação em Serviço Social pela Universidade Estadual do Ceará (UECE); Mestrado em Administração de Empresas pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR); Doutorado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN);

Carlos Augusto Batista Sena Possui graduação em Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2008). Graduação em Ciências Biológicas em andamento pela Universidade Federal de Pernambuco. Artigos publicados na área de TICs, Metodologias inovadoras de Ensino e Educação Inclusiva. Inglês e espanhol intermediários. Capacidade de liderança e trabalho em equipe. E-mail para contato: carlos_augusto_sena@hotmail.com

Cíntia Valéria da Conceição Graduanda em Licenciatura em Química. Bolsista do Programa Institucional de Iniciação à Docência – PIBID/CAPEs. E-mail: pj.cintiavaleria@hotmail.com

Cristiane do Nascimento Martins Gestora escolar no município Lagoa de Dentro-PB; Graduação em História pela Universidade Estadual da Paraíba; Especialização em Educação Especial pela Universidade Cristo Rei; Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba (6º período); E-mail para contato: cristiane-2505@hotmail.com.

Daniele Gruska Benevides Prata Doutoranda em Políticas Públicas pela Universidade Estadual do Ceará. Possui graduação em Psicologia pela Universidade de Fortaleza - Licenciatura / Bacharelado (2002; 2003), graduação em Enfermagem pela Universidade de Fortaleza (2013), Especialização em Terapias Tradicionais Chinesas pela Universidade Estadual do Ceará (2006), Mestrado em Administração pela Universidade de Fortaleza (2011) onde foi bolsista da CAPES. Tem experiência em Psicologia Organizacional, Estudos sobre Gênero e Educação, Psicologia Clínica, Psicologia Comunitária, Avaliação / Psicodiagnóstico, Ações Sustentáveis, Gestão de Resíduos de Serviços de Saúde e Prática Docente. Atua como Enfermeira Assistencial Concursada na Clínica Cirúrgica do Complexo Hospitalar da UFC - Hospital Universitário Walter Cantídio. daniele.gruska@uece.br

Déborah Kallyne Santos da Silva Psicopedagoga no Município Lagoa de Dentro-PB; Graduação em Psicopedagogia pela Universidade Federal da Paraíba; Graduanda em Direito pela Universidade Estadual da Paraíba; E-mail para contato: kall.id@hotmail.com.

Edileine Vieira Machado Professora do Centro Universitário CESMAC/Maceió-AL; Graduação em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP/Assis-SP; Graduação em Pedagogia pela Universidade Nove de Julho – UNINOVE/São Paulo-SP; Mestrado em Letras pela Universidade de São Paulo – FFLCH-USP/São Paulo-SP; Doutorado em Educação pela Universidade de São Paulo – FE-USP/São Paulo-SP; Pós-doutorado em Fenomenologia pelo *Centro Italiano di Ricerche Fenomenologiche - CIRF / Roma-Itália*. E-mail para contato: edileinemachado@gmail.com

Elyza Matutynna De Queiroz Santos Graduada em Licenciatura plena em Matemática pela Universidade Federal Rural de Pernambuco. Pós-Graduada do Curso de Especialização em Gestão e Coordenação em Educação pela Universidade de Pernambuco.

Fátima Elisabeth Denari Professor da Universidade Federal de São Carlos; Membro do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos e membro colaborador do Programa de Mestrado em Educação Sexual, da Faculdade de Ciências e Letras/UNESP/Araraquara (FCLAR/UNESP); Graduação em Estudos Sociais, Asser/UNICEP/São Carlos/SP; Mestrado em Educação Especial, UFSCar ; Doutorado em Educação (Metodologia do Ensino), UFSCar; Pós Doutorado em Educação Sexual, NUSEX/FCLar/UNESP; Grupo de pesquisa: Géfyra – líder - (UFSCAr) e NUSEX – membro - (FCLAr/UNESP; E-mail para contato: fadenari@terra.com.br

Fernanda Caroline Pereira Silva Graduada no curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, pela Universidade Estadual da Paraíba. Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) – Subprojeto Pedagogia, desde 2016. E-mail: fernandacarolline10@gmail.com

Fernando Rodrigues Tavares Professor da Educação Básica; Graduação em Ciências Biológicas pela Faculdade Dirson Maciel de Barros – FADIMAB; Graduação em Pedagogia pela ALFAMÉRICA; Doutorando em Ciências da Educação pela Universidad Grendal; E-mail: fer-t9@hotmail.com

José Dayvid Ferreira da Silva Bacharel em Ciências Biológicas pela Universidade de Pernambuco. Mestre em Bioquímica e Fisiologia pela Universidade Federal de Pernambuco. Doutorando em Bioquímica e Fisiologia pela Universidade Federal de Pernambuco. Pós-Graduando do Curso de Especialização em Gestão e Coordenação em Educação pela Universidade de Pernambuco.

José Jefferson da Silva Mestre em Educação em Ciências e Matemática pela Universidade Federal de Pernambuco UFPE/CAA. Professor Efetivo de Matemática da Rede Estadual de Pernambuco. Atuou como professor substituto da Universidade Federal de Pernambuco - Campus Acadêmico do Agreste, Núcleo de Formação Docente, nas graduações: Matemática - Licenciatura, Química - Licenciatura e Física - Licenciatura, ministrando disciplinas de Educação de Matemática, Matemática do

Ensino Superior, e Matemática da Educação Básica. Licenciado em Matemática pela UFPE/CAA. Licenciado em Matemática (UFPE-CAA). Participou de Intercâmbio no curso de Licenciatura em Matemática da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra - FCT/UC, financiado pelo CNPq. Tem interesse em diversas áreas de estudo como a área Educação Especial numa perspectiva Inclusiva, Educação Matemática, Metodologia do Ensino da Matemática, Educação Estatística.

José Kasio Barbosa da Silva Graduando do curso de Pedagogia, na Universidade Estadual do Ceará – UECE. Foi bolsista de monitoria em disciplinas de Psicologia nos Cursos de Pedagogia e Química da FACEDI/UECE. Também Bolsista do projeto de extensão universitária “Cine Itinerante”, uma leitura do mundo por meio do cinema. Além integrar como estudante o Grupo de Estudo Sobre Heteronormatividades nas Escolas – GEHE, no qual se discutiram questões de gênero e sexualidade e outras que atravessam esses marcadores. Tem interesse em pesquisas nas temáticas relativas à Educação, Gênero, Sexualidade e Direitos Humanos, já tendo apresentado e publicado pesquisas nestes eixos. jose.kasio@aluno.uece.br

José Rafael Moura Silva Graduado no Curso de Pedagogia na Universidade Estadual do Ceará. Focou sua monografia para a compreensão histórica da Educação de Surdos.

Joselito Santos Professor das Faculdades Integradas de Patos e da FACISA. Membro do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Psicopedagogia das FIP; Graduação em Comunicação Social pela Universidade Estadual da Paraíba; Mestrado em Saúde Coletiva pela Universidade Estadual da Paraíba; Mestrado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte; Doutorado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Juliana Brito Cavalcante Possui graduação em Psicologia pela Universidade de Fortaleza (2008). Especialista em Saúde Pública(2012) e Gestão de Urgências e Emergências(2013). Mestrado em Saúde Coletiva- UNIFOR(2016). Doutoranda em Psicologia- UNIFOR(2017). Atualmente é professora da Universidade Estadual do Ceará- UECE e dos Cursos de Especialização em Psicopedagogia, Gestão Escolar E Psicologia Hospitalar. Tem experiência profissional na área da docência, saúde e assistência social, atuando principalmente nas áreas: Psicologia Organizacional e do Trabalho, Gestão e Psicologia da Aprendizagem e do Desenvolvimento. juliana_brito_psicologia@hotmail.com

Juliana da Silva Pereira Graduada em Licenciatura em Química pelo Instituto Federal do Maranhão – IFMA/Campus Caxias. Foi bolsista do Programa de Iniciação Científica – PIBIC, pela Fundação de Amparo a Pesquisa do Maranhão – FAPEMA e pelo IFMA. E-mail: julianapereira.quim@gmail.com

Karolina Lima dos Santos Araújo Licencianda do Curso de Licenciatura em Matemática no Centro Acadêmico do Agreste da Universidade Federal de Pernambuco. Monitora da mesma Universidade na disciplina de Estatística (2015.2).

Foi Integrante do Projeto de Extensão intitulado Sherlock Holmes na Matemática, em 2015. Atual desde 2016 como bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID/UFPE) promovido pela CAPES.

Katheley Wesllayny da Silva Santos Graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú- CE; Pós-graduação Lato sensu em Psicopedagogia Clínica e Institucional e Gestão Educacional pela Faculdade Europeia de Administração e Marketing- PE. Bolsista discente no PET Parasitologia- UFPE; E-mail para contato: katheleywesllayny@hotmail.com

Keilla Rebeka Simões de Oliveira Graduação em Psicologia pela Universidade Federal da Paraíba; Mestrado em Psicologia Cognitiva pela Universidade Federal de Pernambuco; Doutorado em andamento em Psicologia Cognitiva pela Universidade Federal de Pernambuco; Grupo de pesquisa: Grupo de Pesquisa Linguagem Leitura e Letramento (GEPELLL);E-mail para contato: keilla.rso@gmail.com.

Layanna de Almeida Gomes Bastos Graduação em Ciências Biológicas (Bacharelado e Licenciatura) pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB e Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente – PRODEMA da Universidade Federal da Paraíba – UFPB

Lourhan Oliveira Chaves Graduado em Licenciatura em Química pelo Instituto Federal do Maranhão – IFMA/Campus Caxias. Participou do grupo de pesquisa de fotocatalise. E-mail: lourhanoliveira@hotmail.com

Luanna Raquel Gomes Macedo Graduanda no curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, pela Universidade Estadual da Paraíba. Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) – Subprojeto Pedagogia, desde 2016. Técnica em Manutenção e Suporte em Informática, pelo Instituto Federal da Paraíba. E-mail: luanna_raquel_@hotmail.com

Luciana Velloso Professora Adjunta no Departamento de Ciências Sociais e Educação (DCSE) da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); Membro do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação (PPGECC) da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF/UERJ); Mestrado em Educação pelo Programa de Pós Graduação em Educação da UERJ (ProPEd/UERJ); Doutorado em Educação pelo Programa de Pós Graduação em Educação da UERJ (ProPEd/UERJ); Grupo de pesquisa: Pesquisadora integrante do grupo “Currículo: sujeitos, conhecimento e cultura”;E-mail para contato: lucianavss@gmail.com

Luis Gustavo Guerreiro Moreira guguerreiro@gamil.com; Aluno do curso de Doutorado em Políticas Públicas na Universidade Estadual do Ceará. Mestre em Sociologia e bacharel em Ciências Sociais, ambos pela Universidade Federal do Ceará. Ocupa atualmente o cargo de indigenista especializado na Fundação Nacional do Índio - Funai. Tem experiência em docência na área de Ciência Política e

Sociologia dos cursos de graduação da Universidade Aberta do Brasil UAB pela Universidade Federal do Ceará. Dedicar-se a estudos na área de Sociologia Política, com ênfase em teoria das nacionalidades, em estudos estratégicos e política indigenista. Atua como pesquisador do Observatório das Nacionalidades e como editor executivo do periódico científico Tensões Mundiais. Também é pesquisador filiado à Associação Brasileira de Estudos da Defesa – ABED

Luiz Ferreira de Oliveira Junior Graduado em Licenciatura em História pela Universidade Católica de Pernambuco. Aperfeiçoamento em Docência na Escola de Tempo Integral pela Universidade Federal Rural de Pernambuco. Pós-Graduando do Curso de Especialização em Gestão e Coordenação em Educação pela Universidade de Pernambuco.

Márcia Rejane Almeida de Carvalho, pedagoga pela Faculdade de Ciências Humanas de Olinda, Pós graduada em Psicologia da Educação pela UFPE e Especialista em Práticas Pedagógicas pela FUNESO, mestre em Ciências da Educação pela Universidade Lusófona de Lisboa e doutoranda pela Universidade Nova Lisboa – Portugal com a especialização em formação e supervisão de professores. Sou funcionária pública do estado de Pernambuco e trabalho com formação de professores na expectativa de inclusão na rede privada de Olinda. E-mail: marciacsh1@hotmail.com

Marcos Andrade Alves dos Santos Aluno da Especialização em Gênero e Diversidade na Escola na Universidade Federal do Ceará – UFC. Graduado no curso de Tecnologia em Gestão de Recursos Humanos pela Universidade Anhanguera – UNIDERP (2015). Graduando no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual do Ceará – UECE. Possui experiência em pesquisas sobre Gênero, Sexualidade, Direitos Humanos e Educação e na construção e Desenvolvimento de Políticas Públicas. Atua como Secretário da Associação da Diversidade de Itapipoca (ADI) e como Agente Administrativo concursado na Prefeitura Municipal de Trairi. Também é pesquisador do Grupo de Estudos do Programa de Pós Graduação em Direito Constitucional da Universidade de Fortaleza – UNIFOR. marcos.andrade@aluno.uece.br

Marcus Bessa de Menezes Professor da Universidade federal de Campina Grande – UFCG; Graduação em Licenciatura em matemática pela Universidade Federal Rural de Pernambuco; Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco; Doutorado em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco; Pós Doutorado em Educação Matemática pela Universidade Complutense de Madrid; Grupo de pesquisa: Fenômenos Didáticos; E-mail para contato: marcusbessa@gmail.com

Maria Elena da Cruz Graduada em Licenciatura plena em Filosofia pela Faculdade Batista Brasileira na Bahia. Especialista em Projeção pelo Instituto Federal de Pernambuco. Pós-Graduanda do Curso de Especialização em Gestão e Coordenação em Educação pela Universidade de Pernambuco.

Maria Fernanda Sanchez Maturana Graduação em Turismo pela Universidade Estadual Paulista; Mestrado em Educação Sexual pela Universidade Estadual Paulista; E-mail para contato: ma.fersanchez@hotmail.com

Marly Santos da Silva Coordenadora Pedagógica do Município Lagoa de Dentro-PB; Graduação em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba; Mestre em Práticas de Educação pela Universidade Unigrendal; Doutoranda em Ciências da Educação pela Universidade Unigrendal; E-mail para contato: santosmarlyprof@gmail.com

Monalisa Silva Melo Licencianda em Matemática no Centro Acadêmico do Agreste da Universidade Federal de Pernambuco (2013). Atualmente leciona na empresa Instituto Olavo Bilac na cidade de Santa Cruz do Capibaribe, nas Séries Finais do Ensino Fundamental

Nathalia Rodrigues Araújo Graduanda no curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, pela Universidade Estadual da Paraíba. Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) – Subprojeto Pedagogia, desde 2016. E-mail: nathipx19@gmail.com

Nubia Xavier da Silva Professor da Universidade Paulista; Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP/AP). E-mail para contato: nubiareivax@hotmail.com

Oberdan José Teixeira Chaves Professor do Centro de Apoio Pedagógico ao Deficiente Visual. Graduação em Matemática pela Universidade do Estado do Pará (UEPA/PA); E-mail para contato:

Osias Raimundo da Silva Junior Graduação em andamento em Ciências Biológicas na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Possui participação e trabalhos publicados em eventos científicos; fiz parte dos projetos de pesquisa GENTE e METODOLOGIAS ATIVAS e INOVAÇÕES PEDAGÓGICAS NA ÁREA DE CIÊNCIAS NATURAIS (2016); também atuei no projeto de extensão PROI-DIGIT@L: Espaço de criação para inclusão digital; ministrei oficinas sobre como aplicar a ferramenta Design Thinking na sala de aula e o MOBILE LEARNING como metodologia ativa no ENSINO DE BIOLOGIA. Atualmente, faço parte do Programa Institucional com Bolsas de Iniciação a Docência (PIBID). E-mail para contato: Juniorsilvapi@hotmail.com

Patrícia Teixeira de Matos Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará-UECE; Email: patricia.teixeira@aluno.uece.br

Pedro Thiago Chagas de Souza Endereço para acessar CV: <http://lattes.cnpq.br/5529680851124800> Graduando em Licenciatura Plena em Ciências Biológicas da Universidade Católica de Pernambuco –UNICAP -CCBS (Centro de Ciências Biológicas e da Saúde). Email: pedrothiiagomih@gmail.com; Bolsista Pibid na Unicap e Voluntário do projeto de Extensão da Unicap (Projeto Horizonte) na atividade de Brinquedista.

Polliana Barboza da Silva Supervisora Escolar e Professora da Educação Básica; Graduação em Pedagogia pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB; Mestranda em Educação pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB; E-mail: pollianabarboza@hotmail.com

Pollyana Souto da Silva Endereço para acessar CV: <http://lattes.cnpq.br/9533357039273988>; Email: polyssouto@gmail.com. Graduada em Licenciatura Plena em Ciências Biológicas da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP -CCBS (Centro de Ciências Biológicas e da Saúde). Voluntária do projeto de Extensão da Unicap (Projeto Horizonte) na atividade de Brinquedista.

Raimunda Aurilia Ferreira de Sousa Graduação em Geografia pela Universidade Regional do Cariri-URCA; Especialização em Ensino de Geografia pela Faculdade de Juazeiro do Norte-FJN; Mestrado em Geografia pela Universidade Federal do Ceará-UFC; Doutoranda em Geografia pela Universidade Federal de Pernambuco-UFPE; Email: aurilia_sousa@yahoo.com

Rebeka Rayane Araujo de Lima Graduação em andamento em Ciências Biológicas na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Possui participação e trabalhos publicados em eventos científicos. Tenho capacidade e experiência de trabalhar em equipe. Atualmente, faço parte do Programa Institucional com Bolsas de Iniciação a Docência (PIBID). Integra pesquisas na área de educação, com enfoque em educação inclusiva no NEAP (Núcleo de Ensino e Apoio Psicopedagógico) da UFPE. E-mail para contato: rebekarayane24@gmail.com

Renan Belém da Silva Graduando em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); Atualmente obtendo experiência na área ecotoxicologia, estagiando no LABORATÓRIO DE CULTIVO DE MEIOFAUNA MARINHA E ESTUARINA (LACIMME) e Integra pesquisas na área de educação, com enfoque em educação inclusiva no NEAP (Núcleo de Ensino e Apoio Psicopedagógico); Integrou, no ano de 2016, os projetos de pesquisa GENTE; METODOLOGIAS ATIVAS E INOVAÇÕES PEDAGÓGICAS NA ÁREA DE CIÊNCIAS NATURAIS e PROI-DIGIT@L: Espaço de criação para inclusão digital, ministrando oficinas sobre a metodologia ativa SALA DE AULA INVERTIDA; MOBILE LEARNING NO ENSINO DE BIOLOGIA e DESIGN THINKING. E-mail para contato: renanbs14@gmail.com

Sandra Patrícia Ataíde Ferreira Professor da Universidade Federal de Pernambuco; Membro do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco; Graduação em Psicologia pela Faculdade de Ciências Humanas de Olinda; Mestrado em Psicologia Cognitiva pela Universidade Federal de Pernambuco; Doutorado em Psicologia Cognitiva pela Universidade Federal de Pernambuco; Grupo de pesquisa: Grupo de Pesquisa Linguagem Leitura e Letramento (GEPELLL); E-mail para contato: tandaa@terra.com.br

Sônia Helena Costa Galvão de Lima Professora e Coordenadora do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário CESMAC/Maceió-AL; Graduação

em Psicologia pelo Centro Universitário CESMAC; Mestrado em Educação pela Universidade Cidade de São Paulo – Unicid/São Paulo-SP; E-mail para contato: sonia.lima@cesmac.edu.br

Tânia Maria de Oliveira Nery Professora da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP: /CTCH (Centro de Teologia e Ciências Humanas). Endereço para acessar CV: <http://lattes.cnpq.br/0716202039562465>; Email: tmnery@gmail.com; Coordenadora do projeto de Extensão da Unicap (Projeto Horizonte).

Tatiana Cristina Vasconcelos Professora da Universidade Estadual da Paraíba e das Faculdades Integradas de Patos. Membro do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Psicopedagogia das FIP; Graduação em Psicologia pela Universidade Federal da Paraíba; Mestrado em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba; Doutorado em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro; E-mail: vasconcelostc@yahoo.com.br

Thiago Matias de Sousa Araújo Professor substituto do Departamento de Fundamentos e Políticas da Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Graduado em Direito e em Pedagogia pela UFRN. Mestre em Educação pela UFRN. Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Vinculado ao grupo de Pesquisa “História, Sociedade e Educação no Brasil: HISTEDBR/UFSCar”. E-mail: thiogomatiass.a@hotmail.com.

Vagner Sérgio Custódio Professor da Universidade Estadual Paulista; Membro do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual da Universidade Estadual Paulista; Graduação em Educação Física pela Universidade Estadual Paulista; Mestrado em Educação pela Universidade Estadual Paulista; Doutorado em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas; Grupo de pesquisa: Nutex, Cpides e Gepter; E-mail para contato: vagner@rosana.unesp.br

Vanessa Cristina Sossai Camilo Graduação em Pedagogia pela Faculdade Integrada Soares de Oliveira e Graduação em Enfermagem pela Universidade de Marília; Mestrado em Educação Sexual pela Universidade Estadual Paulista; Grupo de pesquisa: Gepife; E-mail para contato: vcsossai@hotmail.com

Vanessa Lays Oliveira dos Santos Graduação em Matemática pela Universidade de Campina Grande UFCG; Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências e Educação Matemática da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB; Grupo de pesquisa: LEEMAT – Leitura e Escrita em Educação Matemática- UEPB; E-mail para contato: vanessa.lays@gmail.com

Veralucia de Lima Silva Psicóloga no Município Lagoa de Dentro-PB; Graduação em Psicologia pelo Instituto Paraibano de Educação; Graduação em Licenciatura em Psicologia pelo Centro Universitário de João Pessoa; Mestre em Educação pela Universidade Federal da Paraíba; E-mail para contato: veralimapb@gmail.com.

Vycttor Mateus de Melo Alves da Silva cursando 5º período de Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Técnico em Química Industrial pelo Instituto Federal de Pernambuco. Integra pesquisas na área de educação, com enfoque em educação inclusiva no NEAP (Núcleo de Ensino e Apoio Psicopedagógico) da UFPE. Possui experiência na área de ensino de Bioquímica Aplicada após atuação no Laboratório de Aulas Práticas do Departamento de Bioquímica da UFPE (DBioq). Atualmente participa do PIBID Biologia, o qual participa desde 2017. E-mail para contato: vycttormateus1@gmail.com

Wuallison Firmino dos Santos Coordenador pedagógico de matemática do Colégio Municipal Monsenhor Stanislaw em Olivedos; Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências e Educação Matemática da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB; Graduação em Matemática (Licenciatura) pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG; E-mail para contato: wuallison13@hotmail.com

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-93243-77-6

